

A arte da felicidade: duas músicas e uma representação cultural

Erika Oliveira Maia Batalha

Orientador: Marcel Lúcio Matias Ribeiro

Trabalho de conclusão do curso de Tecnologia em Produção Cultural no IFRN (2013)

Resumo

Este trabalho analisa a letra das canções *Felicidade*, de Luiz Tatit, e *Ouro de tolo*, de Raul Seixas, a partir da observação do conceito de pós-modernidade e da representação cultural da felicidade. Foi realizada pesquisa bibliográfica e para fundamentar a abordagem dos produtos culturais, recorreu-se às formulações teóricas de Zygmunt Bauman, Fredric Jameson e Leyla Perrone-Moisés. Como resultado, percebeu-se que as músicas apresentam e problematizam a ideia de felicidade socialmente construída na pós-modernidade. Haveria algo de errado com a felicidade? De acordo com a ordem dominante, ser feliz é possuir bens materiais e poder de consumo. Bauman e as canções apresentam respostas para essa indagação e esse modo de pensar.

Palavras-chave: pós-modernidade, felicidade, representação cultural, canção.

Considerações iniciais

“Mas que viagem!”, “Que brisada, meu!”, “Nossa, o cara viajou!”. Essas e outras expressões são comuns entre os alunos dos cursos de graduação diante de qualquer universo conceitual. O mundo teórico se torna uma floresta sombria, e, de imediato, inibe o estudante, justamente, a aceitar o que de melhor a teoria oferece: a descoberta ou, se quiser, a viagem.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Tendo em vista a dinâmica cultural, social e os consequentes padrões que se inserem em um determinado tempo, o presente trabalho propõe discorrer sobre a representação da felicidade no contexto pós-moderno. Para isso, será feita uma revisão bibliográfica apresentando os dois conceitos propostos anteriormente, o de pós-modernidade e o de felicidade, além de realização de análise da letra de duas músicas que se encontram inseridas na conjuntura da pós-modernidade: *Ouro de tolo*, composta no ano de 1973 por Raul Seixas; e *Felicidade*, do compositor, intérprete e acadêmico Luiz Tatit, do ano de 1997. Os dois produtos musicais que serão estudados abordam a temática da “felicidade” e suas representações na contemporaneidade.

A sociedade atual tem sido caracterizada como fluida, dinâmica, instantânea e de consumo. Isso reforça a ideia de fragmentação do contexto e do sujeito que será apontada no artigo, entendendo que conseqüentemente não serão propostos aqui ideais de felicidade, mas uma percepção, a partir da pesquisa, do que é essa felicidade na situação cultural da pós-modernidade.

Compreendendo que a realidade social é construída isenta de qualquer caráter biológico ou natural, o antropólogo Roque de Barros Laraia diz que “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2005, p. 68). A felicidade está, portanto, relacionada à ordem moral e de valor, o que reforça a ideia de sua “construção”, pois, conforme evidenciado nas palavras de Laraia, os modelos de ideias e comportamentos que compõem o contexto em que o indivíduo está inserido são formados a partir de outras experiências culturais e sociais.

A perspectiva deste artigo é analisar a representação da felicidade na pós-modernidade se estruturando na ideia de construção social e histórica do contexto e levando em conta os padrões culturais que são impostos pelos mecanismos sociais. Desse modo, é possível abarcar o ideal de felicidade que é construído de acordo com o momento no qual o indivíduo está imerso. O sociólogo Alípio de Souza Filho apresenta a reflexão referida em seu artigo “Cultura, ideologia e representações”: “[...] toda cultura inscreve seus sujeitos em um conjunto de convenções (normas, padrões, costumes, instituições), mas sem que esses saibam que estão sendo inscritos – e que se trata sempre de convenções humanas, culturais e históricas [...]” (SOUZA, 2003, p. 03). Assim, acreditamos que o conceito de felicidade deve ser observado a partir do entendimento de que este é um produto que reproduz as construções sociais do período no qual está inserido.

No trabalho de Gilberto Velho *Cultura subjetiva e projetos de Felicidade* podemos compreender a ideia de felicidade como produto de uma construção social e cultural, pois “a felicidade [...] faz parte de um processo mais amplo da mencionada construção social da realidade, que elege, elabora e constitui valores éticos, morais, estéticos, políticos, econômicos, afetivos e cognitivos” (VELHO, 2010, p. 228). As interações desses valores resultam em uma ideia padronizada acerca do que venha a ser a felicidade.

Portanto, ressaltamos que é, a partir dos conceitos de pós-modernidade e felicidade que a pesquisa irá se estruturar, tendo em vista também a construção cultural, social e

histórica da nossa realidade e conseqüentemente a constituição e imposições de valores. É importante salientar que o conceito de pós-modernidade é turvo quanto a sua definição, há muitas divergências quanto aos seus aspectos. Leyla Perrone-Moisés, no livro *Altas literaturas*, apresenta de forma sóbria e equilibrada o conceito e suas inconsistências, estabelecendo um diálogo com as diferentes abordagens e chegando a uma possível síntese. O conceito de felicidade será conduzido a partir das ideias de um dos pensadores mais influentes da atualidade: Zygmunt Bauman, que, na sua obra *A arte da vida*, discorre que a felicidade atualmente está condicionada à ascensão econômica, ao poder de compra e aquisição de bens materiais.

A felicidade pós-moderna

O dinheiro não dá felicidade. Mas paga tudo o que ela gasta.

Millôr Fernandes

É inevitável não perceber a complexidade que ronda o conceito da pós-modernidade, sendo comum encontrar em textos acadêmicos autores que se posicionam criticamente de um dos dois lados da ideia do que vem a ser pós-modernismo e ainda aqueles que afirmam de sua inexistência. A pós-modernidade é, pois, caracterizada principalmente por uma inconsistência conceitual, devido ao pluralismo de posicionamentos em torno desse conceito.

Fredric Jameson, na obra *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio* apresenta um esquema de posicionamento de grandes pensadores em torno do conceito de pós-modernidade. O autor diz: “Devemos a Jungen Habermas essa reversão dramática e essa rearticulação do que resta da afirmação do valor supremo do moderno, e de repúdio da teoria e da prática do pós-modernismo” (JAMESON, 1991, p. 83). Ou seja, Habermas, de acordo com o que Jameson apresenta, valoriza de maneira consistente o período chamado alto modernismo e o coloca como o único momento marcado por originalidade, descartando tal característica da perspectiva pós-moderna.

Entretanto, o filósofo Jean-François Lyotard, também citado por Jameson, apresenta uma ideia totalmente contrária à concepção de Habermas. Lyotard faz uma crítica à ostentação do alto modernismo e apresenta a pós-modernidade como um período real e com suas especificidades (cf. JAMESON, 1991, p. 84).

Esse debate sobre a inconsistência e a distinção de posicionamentos acerca da pós-modernidade pode ser visto nas reflexões de outros pensadores. Mas toda essa dificuldade de se conceituar o período termina por se transformar em características definidoras do momento. De acordo com Leyla Perrone-Moisés, alguns traços considerados pós-modernos são: a heterogeneidade, a diferença, a fragmentação, indeterminação, relativismo, desconfiança dos discursos universais, dos metarrelatos totalizantes e o abandono das utopias artísticas e políticas (cf. PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 183).

As Características apontadas por Perrone-Moisés podem ser contrapostas nas observações do estudioso Stuart Hall, que define o sujeito da chamada pós-modernidade como “[...] não tendo uma identidade fixa essencial ou permanente” (HALL, 2006, p.12). As características citadas por Hall definem o sujeito pós-moderno como tendo uma identidade descentralizada, heterogênea e fragmentada, diferentemente da identidade do indivíduo do século XIX, que era tida como uma identidade fixa.

Contudo, vale ressaltar que Fredric Jameson crítica os posicionamentos fixos e rígidos sobre o conceito, por isso, busca fazer uma análise mais neutra, tentando constatar as supostas mudanças do período, ele apresenta isso quando diz que “Em vez de cair em tentação de denunciar, ou de saudar as novas formas como precursoras de uma nova utopia tecnológica e tecnocrática, parece mais apropriado avaliar a nova produção cultural a partir da hipótese de uma modificação geral da própria cultura” (JAMESON, 1991, p. 87).

E, diante da multiplicidade de percepções em torno do conceito de pós-modernidade, Fredric Jameson diz que as diferenciações do que seria o clássico e popular tendem a se mesclar e desaparecer e o que antes era estigmatizado como cultura de massa, na pós-modernidade passa a ser aceito como “domínio cultural” (cf. JAMESON, 1991, p. 88). Assim, o conceito de cultura se torna bem mais abrangente aos produtos culturais, independente de sua “classificação”.

Apesar das grandes divergências em torno da pós-modernidade, Perrone-Moisés consegue extrair uma síntese ao constatar que: “O conceito de pós-modernidade, [...] é um conceito frágil, impreciso, paradoxal – o que é reconhecido por todos os teóricos do pós-moderno, sejam eles a favor ou contra” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 179).

Diante disso, entende-se que há uma convergência no que se diz respeito a certa “desordem” que ronda o conceito de pós-modernidade, desordem essa que perpassa os que desvalorizam firmemente esse período, os que o supervalorizam e os que se mostram “imparciais” a ele.

Zygmunt Bauman, filósofo polonês, apresenta tais características em seu trabalho *Modernidade líquida*. A característica “líquida” é uma metáfora usada para traduzir o momento em que tudo é fluido e muda com facilidade.

Ainda que ocorram diferenciações de posicionamentos, fica claro que a pós-modernidade encontra-se em uma posição de grandes misturas e dinamismo, pois tudo se altera rapidamente, além de que fica evidente um abandono dos discursos considerados universais e dos ideais totalizantes.

A sociedade pós-moderna encontra-se em um momento em que nada é fixo, as identidades estão deslocadas, o espaço e o tempo estão facilmente aproximados, não existem maiores preocupações na distinção de conceitos ou do que viria a se denominar em outro período a alta cultura ou cultura de massa. Diante desse fluxo e constante mudança, o sujeito pós-moderno também se depara com uma cultura de consumo ou como Zygmund Bauman, em sua obra *Capitalismo parasitário*, apresenta uma sociedade de consumidores:

[...] a economia líquido-moderna, centrada no consumidor, se baseia no excesso de ofertas, no envelhecimento cada vez mais acelerado do que se oferece e na rápida dissipação de seu poder de sedução - o que, diga-se de passagem, a transforma numa economia da dissipação e do desperdício (BAUMAN, 2010, p. 35).

Bauman nos descreve a sociedade pós-moderna ou a chamada modernidade líquida como uma sociedade que se vê imersa em um universo de consumo, ofertas e dos irresistíveis estímulos à compra, além da fluidez com que os produtos são divulgados nas propagandas e anúncios.

O estudioso polonês, em seu livro *A arte da vida*, obra que discorre sobre a felicidade na chamada “modernidade líquida”, diz que o indivíduo adquire em “tenra idade” a prática de consumo descartável, na qual o produto sonhado perde sua importância após sua aquisição e outro que está sendo anunciado na publicidade ganha o lugar (cf. BAUMAN, 2009, p. 18).

De acordo com o pensador, existe uma crença da relação entre a felicidade e o volume e qualidade do consumo, ressaltando a identificação do consumo como gerador de felicidade. Bauman diz que o uso de determinados produtos ditados pela publicidade, marcas e grifes significa para a nossa sociedade manter uma posição social de reconhecimento e uma identidade bem delimitada: “Mostrar ‘caráter’ e ter uma ‘identidade’ reconhecida, assim

como descobrir e obter meios de assegurar a realização desses propósitos inter-relacionados, tornam-se preocupações centrais na busca de uma vida feliz” (BAUMAN, 2009, p. 21).

Bauman afirma que “[...] nossa era moderna começou verdadeiramente com a proclamação do direito humano universal à busca da felicidade [...]” (BAUMAN, 2009, p.9). De fato a procura da felicidade é recorrente na pós-modernidade. Mas não diferente tem sido em outros contextos históricos nos quais também se observa a aspiração pela felicidade. Na Idade Média, por exemplo, a felicidade estava atrelada à vida espiritual, pois o indivíduo só poderia ser realmente feliz a partir da crença religiosa.

Diante disso, a sociedade pós-moderna dita a felicidade com base no consumo, entretanto, não está sendo aqui descartada a relatividade do conceito de acordo com cada período histórico e contexto cultural, mas é importante entender a felicidade do contexto atual como diretamente relacionada à obtenção de bens materiais e poder de compra.

Os produtos culturais, por estarem inseridos nesse contexto, reproduzem as contradições, características e a “lógica” do fenômeno pós-moderno. Assim passaremos a seguir a analisar dois objetos culturais pós-modernos que problematizam o conceito de felicidade e sua relação com a realidade presente.

O que há de errado com a felicidade?

Ler música não é explicar música, embora explique muita coisa da música e sobre ela. Ler música é um dos modos de dar conta do excesso da música, repetido sem gasto a cada vez que uma canção se faz ouvir, pedindo para ser ouvida de novo. A música não é só para ser lida, mas as canções lidas, tanto quanto ouvidas, essas ficarão – de outro jeito, num outro tom, abrindo espaço para se ouvir tudo de novo.

Arthur Nestrovski

Raul Seixas e Luiz Tatit são músicos e compositores de referência no país, mas, além disso, eles possuem outro ponto em comum: ambos tentaram responder a um questionamento que perpassa toda a história da humanidade: o que é a felicidade? E os artistas vão além dessa questão, chegando inclusive a indagarem se há algo de errado com a felicidade. As perguntas podem ser respondidas a partir das duas canções que tratam da felicidade na nossa sociedade pós-moderna: *Ouro de tolo*, de Raul Seixas, e *Felicidade*, de Luiz Tatit.

Raul Seixas, compositor e cantor brasileiro é hoje um dos músicos não vivos mais reconhecidos no país e até no mundo. Sempre trouxe em suas composições letras de críticas ao sistema e à sociedade. Na sua composição *Ouro de tolo*, ele apresenta um indivíduo infeliz, mesmo atendendo às necessidades determinadas socialmente, e a canção é, sem dúvida, uma sátira à felicidade artificial, construída socialmente.

Ouro de Tolo

Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego
Sou um dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros
Por mês...

Eu devia agradecer ao Senhor
Por ter tido sucesso
Na vida como artista
Eu devia estar feliz
Porque consegui comprar
Um Corcel 73...

Eu devia estar alegre
E satisfeito
Por morar em Ipanema
Depois de ter passado
Fome por dois anos
Aqui na Cidade Maravilhosa...

Ah!
Eu devia estar sorrindo
E orgulhoso
Por ter finalmente vencido na vida
Mas eu acho isso uma grande piada
E um tanto quanto perigosa...

Eu devia estar contente
Por ter conseguido
Tudo o que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado...
Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto "e daí?"
Eu tenho uma porção
De coisas grandes prá conquistar
E eu não posso ficar aí parado...

Eu devia estar feliz pelo Senhor
Ter me concedido o domingo
Prá ir com a família

No Jardim Zoológico
Dar pipoca aos macacos...

Ah!
Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro
Jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco...

É você olhar no espelho
Se sentir
Um grandessíssimo idiota
Saber que é humano
Ridículo, limitado
Que só usa dez por cento
De sua cabeça animal...

E você ainda acredita
Que é um doutor
Padre ou policial
Que está contribuindo
Com sua parte
Para o nosso belo
Quadro social...

Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada
Cheia de dentes
Esperando a morte chegar...

Porque longe das cercas
Embandeiradas
Que separam quintais
No cume calmo
Do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora
De um disco voador...

Ah!
Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada
Cheia de dentes
Esperando a morte chegar...

Porque longe das cercas
Embandeiradas
Que separam quintais
No cume calmo
Do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora

Luiz Tatit, assim como Raul Seixas, é reconhecido pelas suas composições bem elaboradas e percorre um caminho relevante no universo musical, trabalhou por alguns anos com o grupo Rumo e hoje se dedica a composições e trabalhos solos.

Na canção Felicidade o indivíduo encontra-se feliz, apesar de não atender aos objetivos ditados pela sociedade como ideais. A relação entre as duas canções se dá a partir da crítica ao ideal de felicidade que é proposto socialmente. Confira a letra de Tatit:

Felicidade

Não sei porque eu tô tão feliz
 Não há motivo algum pra ter tanta felicidade
 Não sei o que que foi que eu fiz
 Se eu fui perdendo o senso de realidade
 Um sentimento indefinido
 Foi me tomando ao cair da tarde
 Infelizmente era felicidade
 Claro que é muito gostoso
 Claro que eu não acredito
 Felicidade assim sem mais nem menos é muito esquisito

Não sei porque eu tô tão feliz
 Preciso refletir um pouco e sair do barato
 Não posso continuar assim feliz
 Como se fosse um sentimento inato
 Sem ter o menor motivo
 Sem uma razão de fato
 Ser feliz assim é meio chato
 E as coisas nem vão muito bem
 Perdi o dinheiro que eu tinha guardado
 E pra completar depois disso
 Eu fui despedido e estou desempregado
 Amor que sempre foi meu forte

Não tenho tido muita sorte
 Estou sozinho, sem saída, sem dinheiro e sem comida
 E feliz da vida!!!

Não sei porque eu tô tão feliz
 Vai ver que é pra esconder no fundo uma infelicidade
 Pensei que fosse por aí, fiz todas terapias que tem na cidade
 A conclusão veio depressa e sem nenhuma novidade
 O meu problema era felicidade
 Não fiquei desesperado, não, fui até bem razoável
 Felicidade quando é no começo ainda é controlável

Não sei o que foi que eu fiz
 Pra merecer estar radiante de felicidade
 Mais fácil ver o que não fiz
 Fiz muito pouca aqui pra minha idade

Não me dediquei a nada
 Tudo eu fiz pela metade, porque então tanta felicidade
 E dizem que eu só penso em mim, que sou muito centrado
 Que eu sou egoísta
 Tem gente que põe meus defeitos em ordem alfabética
 E faz uma lista
 Por isso não se justifica tanto privilégio de felicidade
 Independente dos deslizes dentre todos os felizes
 Sou o mais feliz

Não sei porque eu tô tão feliz
 E já nem sei se é necessário ter um bom motivo
 A busca de uma razão me deu dor de cabeça, acabou comigo
 Enfim, eu já tentei de tudo, enfim eu quis ser conseqüente
 Mas desisti, vou ser feliz pra sempre
 Peço a todos com licença, vamos liberar o pedaço
 Felicidade assim desse tamanho
 Só com muito espaço!

Os produtos culturais, sejam eles audiovisuais, espetáculos cênicos, música, literatura ou pintura, traduzem o momento em que se inserem na realidade de uma sociedade ou de um acontecimento. A música popular brasileira tem enorme destaque na cultura do nosso país, sendo a canção, segundo Arthur Nestrovski, “um dos meios através dos quais o país vem inventar e entender a si mesmo” (NESTROVSKI, 2007, p. 07).

As obras culturais são uma representação da realidade objetiva e, conseqüentemente, descrevem as concepções, sentimentos e percepções da sociedade. O ideal de felicidade é um desses reflexos da construção social que é configurado através de produtos como a música.

Luiz Tatit, que também é professor de linguística na USP, possui referências em vários trabalhos acadêmicos na área de música e interpretação. Sua canção *Felicidade*, composta no ano de 1997, apresenta em sua letra uma contradição no ideal de felicidade proposto pela sociedade, pois sujeito encontra-se em um estado de imensa felicidade, entretanto, não cumpre os requisitos determinados pelo período pós-moderno para estar feliz.

Essa canção pode ser relacionada à música *Ouro de tolo*, de Raul Seixas. Nesta, o compositor apresenta uma situação oposta à letra da música *Felicidade*, o sujeito questiona o motivo de não estar sentindo felicidade, mesmo tendo atingido todas as condições ditadas pela sociedade para ter uma vida plenamente feliz.

Na primeira estrofe da música *Felicidade*, o indivíduo encontra-se em um momento de grande felicidade, apesar de apresentar tal sensação como indefinida, ele está imerso em uma sensação boa, mas alega que não existem motivos para estar feliz. Ele sugere um

trocadilho ao se referir à felicidade como infeliz “Infelizmente era felicidade”, a incerteza pode ser apresentada como uma característica pós-moderna.

Os questionamentos sobre estar feliz ainda se fazem presentes na segunda estrofe, agora, o sujeito ilustra os motivos pelos quais não deveria estar feliz: o fato de ter perdido o dinheiro que havia guardado e estar desempregado, estar sozinho e sem comida. A partir disso, podemos perceber alguns critérios que compõem o ideal de felicidade atual: “dinheiro”, “emprego”, “comida” e “não ficar sozinho”. O sujeito levanta uma característica pouco percebida, a de que a felicidade não é algo natural, conforme se pode ver no verso, “como se fosse um sentimento inato” diante disso, podemos ressaltar a felicidade como resultada da construção social da realidade.

Bauman, no primeiro capítulo da obra *A arte da vida*, comenta da íntima relação entre crescimento econômico e felicidade, abordando o discurso como algo frequentemente difundido pelos governos e líderes políticos, e assinala ainda que a sociedade tende a aceitar tais discursos sem atentar de maneira reflexiva e isso acaba por tornar a relação da felicidade com os bens econômicos como extremamente genuína (cf. BAUMAN, 2009, p. 08). Essa ideia a qual se vinculou a felicidade como sendo atingida através da ascensão econômica é, sem dúvida, uma das ideias que pouco se questiona na pós-modernidade, e é isso que Bauman e Luiz Tatit, nas suas respectivas obras, apresentam: a falsa crença da felicidade vinculada à economia e à felicidade tida como algo natural, puro.

Na terceira estrofe da música *Felicidade*, o sujeito torna a tal questionamento: “Não sei por que eu tô tão feliz”, e supõe que a felicidade que sente talvez seja para esconder uma suposta infelicidade. Ele passa a tratar a felicidade como uma doença mental ou, pelo menos, uma perturbação, quando expõe que já fez todas as terapias da cidade e aborda a felicidade como um problema.

O compositor parece trazer uma ironia nas entrelinhas de sua canção quando se questiona repetitivamente sobre o motivo de estar feliz, se não cumpre as regras que a sociedade dita como ideais. Bauman diz que o ideal de felicidade em que a sociedade pós-moderna está imersa passa por lojas, salões de massagem e lugares em que o lema é gastar muito dinheiro, onde os produtos têm um preço elevado (cf. BAUMAN, 2009, p. 34). Com isso, podemos entender o ideal de felicidade na pós-modernidade como fortemente relacionado ao consumo, à obtenção de bens materiais e ao crescimento econômico.

Na quarta estrofe, ainda predomina a indagação do sujeito acerca da felicidade sem fundamentos que está sentindo e apresenta ainda alguns ideais de felicidade e os coloca

como não atingidos por ele: fez pouca coisa para a idade, não se dedicou a nada, fez tudo pela metade, que é egoísta e tem uma série de defeitos.

O questionamento sobre estar feliz predomina de modo direto ou indireto em quase todos os versos da canção, pois o sujeito encontra-se confuso. Ele diz que já nem sabe se é necessário ter um bom motivo para estar feliz, ou seja, o autor demonstra em tal fala, uma crítica ao que se denomina como suposta felicidade e sobre ter motivo fixo para a sensação. E finaliza externando a desistência sobre a procura da razão para estar feliz e resolve ser feliz para sempre.

Um ponto frequentemente percebido na canção é a incerteza do sujeito, ele está confuso por se sentir feliz, mesmo não tendo os motivos determinados pela sociedade pós-moderna. Bauman nos apresenta a incerteza como uma sensação frequentemente presente no sujeito pós-moderno quando diz que com o crescimento econômico.

[...] cresce também uma incômoda e desconfortável sensação de incerteza difícil de suportar, e com a qual é ainda mais difícil de conviver permanentemente. Uma incerteza difusa e ‘ambiente’, ubíqua, mas aparentemente desarraigada, indefinida e por isso mesmo ainda mais perturbadora e exasperante (BAUMAN, 2009, p. 09).

Por isso, mesmo quando o indivíduo se sente feliz, há uma ponta de incerteza, se não por não saber o motivo, mas por temer que a felicidade e a abundância não durem para sempre.

Na canção *Ouro de tolo*, o compositor Raul Seixas vai apresentar as referências de uma vida feliz e sua perturbação por não se sentir como tal. Na primeira estrofe da música, o autor sugere que ter um emprego, ser um cidadão respeitável e ganhar dinheiro são condições para se ter uma vida feliz, e afirma que deveria estar se sentindo contente, pois cumpre todas as tais condições que a sociedade dita como ideais. Assim, já na primeira estrofe de *Ouro de tolo* se pode perceber sua semelhança com a ideia da canção *Felicidade*, pois, mais uma vez, o dinheiro e um bom emprego são pontos de reafirmação para ser feliz.

O sujeito, na segunda estrofe da música, caracteriza o estado de felicidade como algo inato quando diz que “devia agradecer ao Senhor”, por ter atingido algumas coisas na vida. Ele ainda apresenta mais características para uma vida de felicidade: ter tido sucesso como artista e por comprar um carro Corcel 73. Fica claro nessa estrofe que há uma contradição em seu estado de infelicidade, mesmo tendo um carro do ano.

O corcel 73 foi um carro de referência na época e um dos maiores sucessos de venda da Ford brasileira, e é ilustrado na música de Raul como um dos objetos de consumo e de suposta felicidade. Zygmunt Bauman apresenta uma situação que se assemelha bastante com o que é proposto em *Ouro de tolo*. O filósofo exemplifica como as marcas podem levar a ilusão de reconhecimento na sociedade, quando apresenta que uma revista de moda reconhecida internacionalmente exibe em suas páginas uma reportagem com uma estudante de doze anos que ostenta sua marca de roupa predileta e que, apesar dela sair da loja com um produto bastante caro, ela encontra-se totalmente satisfeita, pois o produto está na moda. (cf. BAUMAN, 2009, p. 18).

O filósofo e o músico convergem, portanto, para uma única ideia, a de que os logos, as marcas geram reconhecimento social e caminham para uma falsa ilusão de alcance da felicidade. Pois o sujeito na canção *Ouro de tolo*, não se percebe feliz, mesmo tendo como bem um carro de grande valor econômico e prestígio para a sociedade.

O sujeito reforça, na terceira estrofe, a afirmação de que deveria estar em um estado de alegria e descreve ainda, mais motivos para isso. O fato de morar em Ipanema, lugar considerado referência de moradia na cidade do Rio de Janeiro e ter saído de um estado de fome e pobreza material para um estado de riqueza de bens.

O sujeito expôs, nas primeiras estrofes da música *Ouro de Tolo*, um questionamento em torno de não estar se sentindo feliz, apesar de corresponder a todas as características necessárias estipuladas pela sociedade. Na quarta estrofe, ele já mostra uma ironia sobre o ideal de felicidade proposto socialmente quando diz: “Eu devia estar sorrindo e orgulhoso por ter finalmente vencido na vida”. O termo “vencido na vida” é geralmente utilizado no senso comum, quando se consegue atingir alguns ideais impostos pela sociedade. Ele ainda reforça a crítica quando se refere à imposição de “vencer na vida” como na verdade uma grande e perigosa piada.

Agora, na quinta estrofe, o sujeito diz estar decepcionado por ter conseguido tudo o que é ditado para se alcançar o estado de felicidade, mas esbarra numa grande frustração por estar infeliz. Ele se deparou com uma promessa de que seria feliz se conseguisse os itens citados, entretanto se frustrou ao ver que não havia conseguido ser feliz.

O sujeito apresenta, na sexta estrofe, o ideal de felicidade proposto como algo sem muita importância, pois ele tem tudo o que um sujeito sonha em ter e é frequentemente influenciado a alcançar, mas não se sente satisfeito.

Na sétima estrofe, ele reforça que acha tudo o que é proposto como ideal, sem graça: “praia, macaco, jornal, tobogã”. De fato, ir ao zoológico ver os macacos ou à praia, são ideais de lazer para ficar satisfeitos, entretanto, ele ao dizer que acha “tudo isso um saco”, apresenta uma visão crítica sobre as imposições sociais. É demonstrada, ainda na sétima estrofe, uma revolta pela passividade do indivíduo em estar condicionado e apático às determinações sociais. E afirma ser falta de raciocínio quando o indivíduo aceita sua condição sem questionar ou ter perspectiva de mudar.

O sujeito cita algumas profissões e oportuniza a reflexão sobre se ele realmente está contribuindo para o meio social, desse modo, expõe uma falsa ilusão do indivíduo sobre os modos de construir sua vida a partir do trabalho. Assim, afirma que não vai percorrer o curso da vida socialmente determinado e, depois de alcançado o “objetivo”, ficar apenas à espera da morte. Ele repete essa estrofe na penúltima parte da canção.

Pode-se dizer que nessa estrofe, o sujeito expõe o seu modo de ser feliz, longe das cercas que podem fazer referências a cidade grande, ou seja, longe da cidade grande e em um lugar alto e calmo. Ele repete essa estrofe no último momento da canção.

Esta breve análise interpretativa das canções de Raul Seixas e Luiz Tatit nos apresenta, em princípio, posições contrárias, uma de infelicidade e outra de felicidade, entretanto, os dois estados citados, convergem para a ideia de construção social do ideal de felicidade.

A sociedade pós-moderna idealiza a felicidade a partir do acesso e posse de bens de grande valor econômico, acesso a lugares luxuosos e exclusivos, consumo de pratos gastronômicos de alto requinte, entretanto, essa maneira de alcançar a felicidade acaba sendo efêmera, pois a sociedade pós-moderna tem essa característica fluida, portanto, “as alegrias momentâneas que ela traz se dissolvem e logo se dispersam na ansiedade de longo prazo” (BAUMAN, 2009, p. 35).

Na canção *Felicidade*, o autor demonstra diversos motivos para não estar feliz, e esses motivos ilustram nosso ideal de felicidade pós-moderno que flui com a ideia da música *Ouro de Tolo*, pois o sujeito está infeliz, mesmo tendo conquistado tudo o que se diz necessário para atingir a felicidade.

É importante salientar as características que são apresentadas nas duas canções como caminhos para a felicidade: ter emprego, ter dinheiro, ter um carro do ano e morar em um lugar dito privilegiado, são características que compõe a felicidade pós-moderna. Bauman descreve a concepção de felicidade na pós-modernidade ou modernidade líquida quando diz

que: “o caminho para a felicidade passa pelas lojas e, quanto mais exclusivas, maior a felicidade alcançada” (BAUMAN, 2009, p. 36).

Portanto, o ideal de felicidade pós-moderno encontra-se diretamente relacionado ao consumo, bens materiais, ascensão econômica e social, todos eles representados nas composições. E, apesar destes requisitos serem utilizados nas canções como critérios para atingir a felicidade, os músicos contrapõem essa ideia ao colocarem o sujeito em um caso feliz, mesmo não atingindo os critérios ditados socialmente, e o outro extremamente infeliz, apesar de ter tudo o que a sociedade dita como ideal para alcançar a felicidade. Ou seja, a crítica aos critérios materiais e de consumo para se atingir a felicidade é encontrada nas duas canções, apesar das diferentes situações.

Considerações finais

[...] a felicidade de uma pessoa pode ser bem difícil de distinguir do horror de uma outra.

Zygmunt Bauman

Tratar da felicidade na pós-modernidade é um trabalho que requer uma abordagem múltipla, mas ao mesmo tempo direcionada. Pós-modernidade é um conceito que apresenta muitas divergências entre os pensadores, e o próprio momento é tido como fluido, sem conceitos e identidades fixas, sem hierarquias culturais. Além disso, falar de um conceito abstrato como a felicidade não pode possuir um encaminhamento definitivo, pois a única coisa que se pode afirmar com certeza é o desejo e a busca da humanidade pela felicidade ao longo dos tempos.

Entretanto, é importante reafirmar que cada época, cada momento histórico e sociedade ditam seus ideais, lembrando também que tais ideais são resultados de uma interação e construção cultural. Com isso, percebemos que a felicidade na pós-modernidade é concebida a partir do consumo material e isso pode ser percebido nas duas canções apresentadas e nas formulações teóricas que dão suporte a este trabalho.

Raul Seixas e Luiz Tatit são compositores com grande contribuição e influência na música popular brasileira. Raul é ícone do rock brasileiro, reconhecido por sua irreverência; Luiz Tatit é tido como um dos mais renomados compositores e acadêmicos da atualidade, tendo inclusive estudos na área da música. Assim, os dois músicos apresentaram claramente

em suas composições a ideia de construção social da felicidade e como ela, em concordância com as ideias de Bauman, atualmente se vincula a valores materiais e econômicos.

Para Bauman, a felicidade pós-moderna é um conceito totalmente frágil e volúvel, tendo em vista que sua representação está atrelada a objetos concretos. A velha máxima do senso comum “dinheiro não traz felicidade” termina por ser comprovada teoricamente pelas reflexões do filósofo polonês quando afirma que a vida é uma obra de arte e que não deve ser pautada por convenções sociais:

Vontade e escolha deixam suas marcas na forma da vida, a despeito de toda e qualquer tentativa de negar sua presença e/ou ocultar seu poder atribuindo o papel causal à pressão esmagadora de forças externas que impõem um “eu devo” onde deveria estar “eu quero”, e assim reduzem a escala das escolhas plausíveis (BAUMAN, 2009 p. 72).

As músicas *Ouro de tolo* e *Felicidade* sugerem uma fuga do que é convencionalizado como felicidade na pós-modernidade. Na primeira, o sujeito possui tudo o que é tido como ideal para ser feliz, mas se sente infeliz; na segunda, o sujeito não tem nenhum bem apresentado como necessário para sentir felicidade, entretanto, encontra-se em um estado de imensa felicidade. Na letra de Raul Seixas, o indivíduo está preso às convenções sociais e tem a “obrigação” de sentir feliz, por isso, sente-se infeliz. Na composição de Luiz Tatit, o indivíduo perdeu tudo, de modo que não está preso às convenções, daí vem a sensação de liberdade e a conseqüente felicidade. Assim, as composições, por caminhos diversos, formulam a mesma discussão: a felicidade não deve estar totalmente relacionada aos bens materiais e à necessidade de consumo ditadas pela sociedade.

Apesar da forte influência dos valores da pós-modernidade no conceito de felicidade, conforme se pode perceber nos produtos culturais analisados durante o trabalho, é necessário buscar mecanismos para se perceber que a felicidade é um estado que vai além dos bens e objetos concretos. A felicidade é um estado subjetivo e, por esse motivo, não pode ser encontrado nas prateleiras de lojas nem nos valores de mercado ditados pela sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmund. *A arte da vida*. Tradução: Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Capitalismo parasitário*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

- BOUDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7 ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERNANDES, Millôr. Frases e manchetes de Millôr Fernandes. Disponível em <http://www2.uol.com.br/millor/index.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2012.
- FILHO, João Freire. Org. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopez Louro. 11. ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução: Malia Elisa Cevasco. 2. ed., São Paulo: Ática, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- NESTROVSKI, Arthur. Org. *Lendo música, 10 ensaios sobre 10 canções*. São Paulo: Publifolha, 2007.
- NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. Passagens, paragens, veredas: semiótica da cultura e estudos culturais. In: SANCHES, Tatiana Amendola (org.). *Estudos culturais: uma abordagem prática*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed., São Paulo: Cortez, 2007.
- SEIXAS, Raul. *Krig-há, bandolo!*. São Paulo, Philips, 1973. CD. Música n. 11: Ouro de tolo.
- _____. *O baú do Raul*. Seleção de Kika Seixas; organização e apresentação de Tárík de Souza. 16. ed., São Paulo: Globo, 1992.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Felicidade: Dos filósofos pré-socráticos aos contemporâneos*. São Paulo: Claridade, 2007.
- TATIT, Luiz. *Felicidade*. São Paulo, Be Bop e Teclacordy, 1997. CD. Música n. 13: Felicidade.